

PLANO DE CURSO

Docente: Vinícius dos Santos

Disciplina: FCHB66 – Tópicos Especiais em Filosofia Contemporânea

Semestre: 2024.2

Título: Existir... a que se destina? Uma introdução ao existencialismo de Sartre

Objetivo

A proposta do curso é apresentar a gênese e os fundamentos da filosofia existencialista de Sartre. Para tanto, em um primeiro momento, será recuperado o modo pelo qual a questão acerca do “sentido” da existência aparece especificamente na modernidade ocidental, a própria existência torna-se um conceito filosófico. Na sequência, trata-se de reconstruir as linhas de força através das quais o pensamento de Sartre, de modo inédito e radical, procurará dar conta dessa questão, tendo como eixo a relação entre liberdade, contingência, desejo e projeto existencial.

Ementa

Entre as diversas características que distinguem a assim chamada modernidade ocidental – e cujas ressonâncias seguem ecoando contemporaneamente – podemos listar, de um lado, a emergência da noção de indivíduo como um sujeito autodeterminado, livre e independente, e, de outro, o processo de crescente racionalização da vida social.

A imbricação desses dois pilares fez sobressair em nossa sociedade, de modo inédito, do *sentido da existência*. É verdade que essa indagação se encontra presente, de modo mais ou menos cifrado, em culturas e povos de todas as épocas e lugares, tendo sido, inclusive, abordada filosoficamente. E é verdade também que, nesses múltiplos cenários, diferentes formas de moral, religiosidade e organização da vida comunitária, forneceram (ao menos, para um observador externo) respostas funcionais para aquela inquietação.

O que distingue especificamente o modo pelo qual esse questionamento se impôs na modernidade é justamente o fato de que, de um lado, a centralidade do indivíduo enquanto eixo estruturante da vida social esgarçou seus vínculos comunitários, isolando e opondo-o potencialmente dos demais, e, de outro, que a racionalidade moderna esvaziou significativamente a legitimidade de respostas transcendentais, supostamente universais. Em suma, se sentido há para nosso estar no mundo, sua busca tornou-se individual, solitária e permeada por princípios elementares da nova racionalidade.

Embora tenha sido possivelmente Blaise Pascal, no século XVII, o primeiro a se dar conta do desamparo do ser humano diante da “imensidão dos espaços infinitos” descobertos pela nova ciência, e onde o Deus cristão teimava em não aparecer, é com Soren Kierkegaard, já no XIX, que a *existência* se torna propriamente um conceito filosófico.

Opondo-se à ubiquidade programática do sistema hegeliano, Kierkegaard anuncia a impossibilidade de se confinar a *verdade de uma vida* a um arcabouço conceitual geral. Porque essa verdade é uma busca e uma tarefa, a existência, assinala o filósofo dinamarquês, é um permanente processo de vir-a-ser. O sujeito humano, intimamente fraturado e distante de Deus, é uma síntese espiritual em devir; portanto, é um ser que não é, mas está sempre em busca e além de si mesmo, lançado para a transcendência, para o futuro. Sua liberdade o leva a ter de escolher entre as múltiplas formas de viver esse processo – uma empreitada de descoberta de si e da verdade que sustenta a vida individual.

Como se sabe, o existencialismo de Sartre parte dessas intuições gerais kierkegaardianas. Contudo, para este último, essa busca conduziria ao *desespero*, se não fosse acompanhada da compreensão de que a verdade última do existente finito está na abertura para eternidade – isto é, na caminhada rumo a Deus. O *salto na fé* seria condição necessária para que a tarefa de existir fosse autenticamente realizada.

Sartre, por sua vez, rejeita abertamente esse componente religioso do pensamento kierkegaardiano. Inscrito na esteira do diagnóstico nietzschiano da “morte de Deus”, o existencialismo sartriano advoga a tese da contingência radical de nosso surgimento no mundo. Não há necessidade no plano da existência, isto é, não há razão *a priori* para estarmos no mundo. O “acontecimento absoluto” que nos lança ao mundo não tem um fundamento

externo, não se justifica. Pelo contrário: porque não é necessária, a existência é um processo de *criação* de sentido para aquela contingência. Desamarrada do horizonte cristão (ou de qualquer outra dimensão transcendente) enquanto uma vinculação necessária, o existencialismo sartriano torna o ser humano radicalmente livre para *escolher* como viver o fato de estar no mundo, quer dizer, escolher os fins e os valores que orientarão sua vida.

Em outros termos, a liberdade, para Sartre, indica precisamente o fato de que o modo como cada indivíduo viverá a contingência de seu estar no mundo é absolutamente indeterminado. Antes disso, *nada* somos. Há um vazio constitutivo de nosso ser no mundo que faz com que tornar-se sujeito e criar um sentido para a própria existência – escolher a si mesmo e seu projeto existencial – sejam uma só e a mesma coisa.

Ocorre que essa liberdade torna o indivíduo inteiramente responsável por si mesmo e pelo sentido de suas ações no mundo. Segundo Sartre, essa correlação entre liberdade e responsabilidade é expressa e vivida pelo incômodo sentimento da *angústia*. Afinal, não havendo nada que a justifique fora de mim, como saber se minha escolha é a mais correta, a mais adequada? Se meu projeto atingirá os fins que estabeleci? Dada a impossibilidade de responder adequadamente a essas questões, o filósofo francês observa que, ao mesmo tempo que nossa liberdade é incontornável (paradoxalmente, é nosso “destino”), frequentemente procuramos mascarar-la, em uma miríade de artimanhas e subterfúgios de autoengano, através da qual procuramos esvaziar nossa responsabilidade e justificar nossa existência com apelo a algo externo e transcendente. Ou seja, agimos de *má-fé*.

Enfim, vacilando entre essas tensões, o filósofo define a natureza do empreendimento humano como uma tentativa malograda – mas, inescapável – de preencher nosso nada-de-ser, de se completar e fundamentar seu existir. É, em suma, o desejo de ser-si.

O curso buscará reconstruir essa discussão de fundo, ao mesmo tempo em que apresentará alguns desdobramentos das concepções sartrianas no âmbito da moral, da chamada “psicanálise existencial” e das relações intersubjetivas e sociais.

Conteúdo

Primeira Parte – Raízes do existencialismo

1. O sentido da existência como uma questão tipicamente moderna
2. Pascal: a solidão e a “miséria do homem sem Deus”
3. Aspectos filosóficos do existencialismo de Kierkegaard: subjetividade, angústia e desespero

Segunda Parte – Fundamentos do existencialismo de Sartre

1. A “náusea” diante da insuperável contingência
2. Subjetividade e consciência: o nada-de-ser como fundamento da liberdade
3. Liberdade e responsabilidade: a angústia diante dos possíveis
4. A má-fé enquanto artifício de fuga
5. Incompletude e desejo: o projeto ontológico e a busca por si

Terceira Parte – A existência compartilhada

1. O surgimento do outro: olhar, vergonha e o conflito intersubjetivo
2. Escolha de si, responsabilidade e projeto: a “psicanálise existencial” e a questão moral
3. Existência e história

Metodologia: Aulas expositivas, leitura e análise de textos.

Avaliação: Projeto de trabalho no meio do curso e trabalho dissertativo ao final.

Bibliografia básica

KIERKEGAARD, Søren. *O desespero humano – doença até a morte*. In: *Col. Os Pensadores*. Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1979.

_____. *O conceito de angústia*. 3ª edição. Trad. e Posfácio Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2015.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. In: *Col. Os Pensadores*. Trad. Olívia Bauduh. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. *O Ser e o Nada*. 12ª edição. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

_____. *Questão de método*. In: *Crítica da razão dialética*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

_____. *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl : a intencionalidade*. Trad. Ricardo Leon Lopes. In : *Veredas Favip*. Vol. 2, no 1, p. 102-107, 2005.

Bibliografia complementar

BAKEWELL, Sarah. *No café existencialista – o retrato da época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro : Objetiva, 2017.

BORNHEIM, Gerd. *Sartre – metafísica e existencialismo*. 3ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

BRITES, Simone et al. (org.). *O ser e o nada – leitura crítica das questões fundamentais*. Taubaté/SP: Kotter Editorial, 2023.

COLETTE, Jacques. *Existencialismo*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. 3ª edição. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEBRUN, Gérard. *Blaise Pascal – voltas, desvios, reviravoltas*. In: *Col. Encanto radical*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

MOUNIER, Emmanuel. *Introdução aos existencialismos*. Trad. João Bénard da Costa. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.

MOURA, Carlos Eduardo de. *Consciência e liberdade em Sartre – por uma perspectiva ética*. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. *Consciência de si e conhecimento de si*. In: *A transcendência do ego*. Trad. Pedro M. S. Alves. Lisboa : Edições Colibri, 1994.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. In: *Col. Os Pensadores*. Trad. Rita Correia Guedes. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1984.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Ética e literatura em Sartre – ensaios introdutórios*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *Sartre e o humanismo*. São Paulo: Almedina; Discurso Editorial, 2019.

Obs: a bibliografia pode ser ampliada no decorrer do curso